

O ATENDENTE TERAPÊUTICO E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

Célia Candido Simplicio¹
Joanderson de Oliveira Gomes²

Resumo

O/a atendente terapêutico/a (AT) escolar atua como um/a mediador/a do processo educativo que, por meio de sua atuação, visa contribuir para a inclusão pedagógica e social de indivíduos/as que precisam de intervenção para que suas potencialidades sejam incentivadas. Assim, este artigo tem como objetivo apresentar a importância do atendimento terapêutico como uma ação profissional que pode colaborar com a inserção do/a paciente no espaço social. Tomamos, como objeto de análise, o relato de experiência de uma AT através da pesquisa narrativa. Ao longo desse processo, foi possível identificar os avanços, na área pedagógica, através da mediação e da relação estabelecida com os/as demais profissionais que compõem a escola em um processo de compreensão e afetação para a promoção de uma inclusão não entendida como ação assistencialista, mas como promotora da participação ativa dos/as sujeitos/as em seus processos formativos, oportunizando meios para que eles/as se desenvolvam em todas as suas potencialidades e possam viver de forma autônoma e independente.

Palavras-chave: Atendente Terapêutico; Inclusão; Narrativas.

THE THERAPEUTIC ATTENDANT AND THEIR POSSIBLE CONTRIBUTIONS IN THE SCHOOL SPACE

Abstract

The school therapeutic attendant (TA) acts as a mediator of the educational process, in which, through his/her actions, he/she aims to contribute to the pedagogical and social inclusion of individuals who need this intervention, so that their potential is encouraged. Therefore, this article aims to present the

¹ Licenciada em Pedagogia e Especialista em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Federal da Paraíba; Especialista em Neuropsicopedagogia pela FAVENI. Atualmente é Atendente Terapêutica vinculada a clínica Alcance Desenvolvimento Comportamental, prestando atendimento no Instituto Polaris. Contato: celiapb@live.com

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB - Campus I) e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB/CCAE - Campus IV). Atualmente é professor no Núcleo de Educação a Distância da Faculdade Três Marias - (NEAD/FTM). Contato: joandersonoliveira@hotmail.com

importance of therapeutic care, as a professional action that can collaborate with the patient's insertion in the social space. We took as an object of analysis the experience report of a TA, through narrative research. Throughout this process, it was possible to identify advances in the pedagogical area, through mediation and the relationship established with other professionals who make up the school in a process of understanding and affectation to promote an inclusion not understood as a welfare action, but as a promoter of the active participation of subjects in their training processes, providing means for them to develop to their full potential and to live autonomously and independently.

Keywords: Therapeutic Attendant; Inclusion; Narratives.

EL ACOMPAÑANTE TERAPÉUTICO Y SUS POSIBLES APORTES EN EL ESPACIO ESCOLAR

Resumen

El asistente terapéutico escolar (AT) actúa como mediador del proceso educativo, en el que, a través de sus acciones, pretende contribuir a la inclusión pedagógica y social de las personas que necesitan de esta intervención, de modo que se fomente su potencial. . Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo presentar la importancia de la atención terapéutica, como acción profesional que puede colaborar con la inserción del paciente en el espacio social. Se tomó como objeto de análisis el relato de experiencia de una AT, a través de una investigación narrativa. A lo largo de este proceso, fue posible identificar avances en el área pedagógica, a través de la mediación y la relación establecida con otros profesionales que integran la escuela en un proceso de comprensión y afectación para promover una inclusión no entendida como una acción asistencial, sino como una promotor de la participación activa de los sujetos en sus procesos de formación, proporcionándoles medios para que se desarrollen en todo su potencial y vivan de forma autónoma e independiente.

Palabras clave: Asistente Terapéutico; Inclusión; Narrativas.

ATENDIMENTO TERAPÊUTICO: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Lidar com as questões de inclusão é um tema necessário e urgente em nosso espaço social. Oportunizar meios para investir nas potencialidades daqueles/as que fogem dos padrões normativos esperados é trazer para eles/as autonomia e a possibilidade de viverem da forma mais independente possível.

Assim, este artigo analisa um relato de experiência tomando por base a narrativa das vivências de uma das autoras deste trabalho, a qual vem atuando como atendente terapêutica (AT) escolar na cidade de Mamanguape, PB.

Nosso objetivo é apresentar a importância do atendimento terapêutico como uma ação profissional que pode colaborar com a inserção do/a paciente no espaço social, fazendo com que efetivamente ele/a esteja incluído/a na aula e no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Tomaremos, como material de análise, os dados registrados em um diário de campo, no qual estão anotadas as experiências, os recuos e avanços de uma criança com o Transtorno do Espectro Autista - TEA que cursa o 3º ano do ensino fundamental. No que se refere aos objetivos específicos, pretendemos: a) compreender a atuação do atendente terapêutico dentro do espaço escolar e b) elucidar os avanços e recuos possíveis no decurso dessa intervenção.

Em estudo realizado por Oliveira (2023), a autora alerta que alguns espaços escolares parecem não compreender a verdadeira função do/a AT, esperando apenas que eles/as contenham as crianças, deixando-as silenciosas, caladas e reclusas em suas cadeiras para que, desse modo, a aula possa fluir de forma tranquila para os/as alunos/as considerados/as normais - o que ocasionaria um processo de segregação, pois, ao invés de incluir a criança no processo de ensino e aprendizagem, respeitando suas singularidades e potencialidades, apenas deixam-na dentro da sala de aula (preferencialmente calada), mas não como partícipe do processo educativo.

Nessa direção, Silvia e Cristina (2018) elucidam que o trabalho do/a AT não tem como prerrogativa o silenciamento do/a paciente, mas, sim, o investimento em torno de suas potencialidades dentro e fora dos muros educativos, fomentando a construção de vínculos de sociabilidade com todos/as com as quais ele/a tenha contato, possibilitando a participação efetiva nas atividades desenvolvidas pelo/a docente no momento da aula. Espera-se a efetiva inclusão, gerando no/a indivíduo/a possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional, assim como autonomia e independência.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Enquanto campo metodológico, e visando atender às demandas postas por este estudo, nos inspiramos na pesquisa narrativa. Esta é apontada por Souza (2006) como uma possibilidade investigativa que permite ao/à sujeito/a fazer inferências acerca de sua própria narrativa, em uma perspectiva autobiográfica. Conforme argumenta Abrahão (2003), pesquisas dessa envergadura podem possibilitar o acesso a contextos sociais e culturais que nos auxiliam junto ao processo de reflexão de determinadas conjunturas alocadas no espaço social.

Tomamos como objeto de análise a rememoração de uma das autoras desse texto a respeito do atendimento terapêutico e das relações que ela vem desenvolvendo nesse processo, sinalizando sua relevância e principais embates. Entendemos que a narração não se trata de uma verdade absoluta, mas, traz situações tal como foram vivenciadas e atravessaram o/a narrador/a. Ademais, a narração é um processo único, pois, mesmo sendo repetida, apresentará novas nuances a serem refletidas (MARQUES; SATRIANO, 2017).

Para a geração de dados, tomamos, como fonte de análise, os registros de diários de campo, de modo a entrelaçar as anotações feitas ao longo dos anos sobre a paciente atendida pela AT com seu registro narrativo. Entendemos o diário de campo, ancorados em Oliveira (2014), como um instrumento de descrição e registro dos fatos narrados, os quais nos permitem compreender como determinadas situações se deram em um período histórico. Desse modo, tomamos o relato de experiência como uma possibilidade de criação da narrativa (DALTO; FARIA, 2019) que fomenta a reflexão aqui desenvolvida.

O ATENDIMENTO TERAPÊUTICO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOS/AS INDIVÍDUOS/AS

A profissão de AT, conforme aponta Costa (2014), tem sua gênese no Movimento da Reforma Psiquiátrica, relacionando-se a uma tentativa de reformular as formas de atenção à saúde mental exercidas à época, mais precisamente na década de 1970, aqui, no Brasil. A partir dessa perspectiva,

propunha-se o rompimento com os muros hospitalares e a forma como a loucura vinha, historicamente, sendo tratada. A grosso modo, o/a AT tem a proposta de acompanhar pacientes em processos de socialização e circulação no espaço público e social, derrubando assim o ideal de manter os/as indivíduos/as considerados/as loucos/as segregados/as da vivência em sociedade.

Manter esses/as sujeitos/as em manicômios e lugares especializados gerava apenas a exclusão e não oportunizava a esses/as pacientes mudanças efetivas em suas vidas, apenas controle e regulação. O/A AT, desse modo, permitia novas condições e a possibilidade de se construir outras visões a respeito dos tratamentos até então praticados, “criando as condições para a construção de outros caminhos a serem percorridos pelo paciente, bem como as diversas possibilidades de contato com outros instrumentos sociais” (COSTA, 2014, p. 17).

Nesse caminho, Cemetino, Braga e Silva (2022, p. 3) contribuem dizendo que, “no contexto escolar, embora ainda se trate de uma profissão relativamente nova, a presença do AT vem crescendo gradativamente”. Sua principal atribuição, dentro de tal conjuntura, é oportunizar meios para que o processo de ensino e aprendizagem possa acontecer de forma mais efetiva para crianças com necessidades especiais, gerando assim uma inclusão que traga aos/às sujeitos/as a possibilidade de autonomia na vivência social e educativa.

Na esteira do pensamento das autoras e do autor, sinalizamos que o/a AT deverá estar apto/a para acompanhar o/a aluno/a no ambiente escolar, oferecendo amparo quando necessário, contribuindo com seu processo de socialização, intervindo quando ele/a demonstrar comportamentos pouco produtivos e necessitar de apoio para continuar realizando suas demandas. Cabe também ao/à AT fazer a mediação nas atividades escolares e na relação professor/a aluno/a, tornando o espaço educativo um ambiente no qual o/a seu/sua paciente sinta-se seguro/a e possa se desenvolver plenamente, dentro das suas possibilidades/potencialidades.

Ao refletir sobre a importância da escola na formação de indivíduos/as com necessidades educacionais especiais, Parra (2009) enfatiza a importância

desse espaço na perspectiva de beneficiar as interações históricas, culturais e sociais nas quais eles/as estão inseridos/as, e que são extremamente importantes para o desenvolvimento pleno do/a indivíduo/a, quando o processo de inclusão ocorre efetivamente. A autora pontua ainda como, em alguns espaços educativos, o processo inclusivo não tem sido implantado de forma que potencialize a permanência do/a sujeito/a dentro dos muros escolares, uma vez que sua presença é tida como um problema ou como um trabalho a mais que será exigido do/a professor/a.

Muitos/as docentes não sabem como lidar com essa realidade e passam a entender que apenas deixar o/a estudante dentro de sua sala de aula, ou dentro da instituição escolar, já se configura como inclusão, o que se torna, na verdade, mais um processo de exclusão de que tais sujeitos/as são alvo. A escola, dentro dessa conjuntura, se torna apenas um depósito, ao invés de se tornar um espaço de socialização, crescimento e aprendizado.

É na esteira dessa reflexão que elucidamos a importância do/a AT na vivência escolar da criança que necessita de um atendimento especializado, ação esta que não inviabiliza ou substitui a atuação do/a docente, mas que, em parceria, pode gerar bons resultados, fazendo com que a experiência escolar contribua no processo de construção pessoal, social e profissional desse/a sujeito/a, construindo possibilidades deles/as estarem e atuarem no espaço educativo. Visando compreender esse processo, nos detemos na experiência de uma das autoras desse texto e nos debruçamos sobre o seu relato.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O primeiro contato da atendente terapêutica com as questões do autismo se deu em seu próprio lar: seu filho começou a apresentar sinais típicos do Transtorno do Espectro Autista - TEA com 1 ano e 6 meses, sendo um longo processo até o diagnóstico definitivo, que se deu após 3 anos. Ela rememora que começou a notar algumas singularidades no comportamento da criança, que costumava andar na ponta do pé, ser resistente à dor, não ter noção de perigo e uma sensibilidade aflorada a barulhos. Além disso, desenvolveu a fala aos 2

anos de idade, sendo mamãe sua palavra coringa, utilizada para tudo e todos/as.

No que tange ao Transtorno do Espectro Autista, Giaretta (2021, p. 9) afirma que se trata de um distúrbio do neurodesenvolvimento, que, dentre os sinais que lhe são característicos, constam o isolamento social, a dificuldade na comunicação, os comportamentos repetitivos, ecolalias, entre outros. Ainda conforme argumenta a autora “por ter características específicas, necessita de avaliação e dos atendimentos de multiprofissionais”.

Ao falar sobre o seu trabalho como AT, nossa entrevistada diz:

No ano de 2021 recebi uma proposta para ser AT Escolar, de uma instituição de desenvolvimento comportamental privada que atende indivíduos com Transtorno do Espectro autista (TEA), há 2 anos. Iniciei meu trabalho na instituição como um treinamento, fiquei indo na clínica 3 vezes por semana para observar os atendimentos. Uma exigência feita pela clínica para ser AT, que eu devia fazer o curso de Aplicador ABA, fiz o curso pela academia do autismo. Neste período de treinamento tive o prazer de conhecer minha paciente, Celeste, ela tem 9 anos e meu primeiro contato com ela foi na clínica observando os atendimentos, passei 2 meses indo fazer esse acompanhamento dos atendimentos da minha paciente na clínica.

A criança mencionada é a paciente que terá sua trajetória registrada e refletida a partir da perspectiva da atendente terapêutica. Celeste é um nome fictício, utilizado para preservar a identidade da garota. Ela foi diagnosticada quando estava com três anos e seis meses de idade. Havia uma desconfiança por parte da mãe devido ao desenvolvimento da criança ser atípico, quando comparado ao do irmão. A criança demonstrava muita timidez, apresentava comportamentos inadequados e tinha crises comportamentais quando era contrariada.

O atendimento teve início no ano de 2022. Celeste cursava o 3º ano do ensino fundamental, e alguns desafios se apresentaram:

Esse processo inicial na escola foi desafiador tanto para mim quanto para minha paciente, me senti desafiada, pelo fato de não ter experiência como AT e não tinha muito conhecimento sobre como era mediar e desempenhar terapias no ambiente escolar, mas com a supervisão da analista esses desafios foram superados gradualmente. Em se tratando das dificuldades da Celeste posso relatar que, a interação social é um dos pontos mais trabalhados, é onde ela

demonstra maior dificuldade, socializar de maneira funcional, ela apresenta, dependência em habilidades de vida diária, não ia ao banheiro nem tomava água sozinha. Tem avançado ao longo do tempo, mas ainda apresenta alguns impedimentos, como iniciar e finalizar uma conversa de maneira funcional. Estou trabalhando com o programa de interação pares, em que a Celeste realiza entrega de figurinhas e inicia as conversas com os pares.

Na esteira dessa reflexão, Mello e Bruni (2012) enfatizam a importância do acompanhante terapêutico, não em uma perspectiva assistencialista, mas com a proposta de inserir esse/a paciente na vivência do mundo de forma plena e atuante. Em sua fala, a AT registra as limitações de sua paciente e aponta os avanços que começam a ser construídos na relação que vai se estabelecendo através da convivência. No que diz respeito à atuação do AT, Nascimento, Silva e Dazzani (2015) compreendem o/a profissional como um/a facilitador/a, devendo trabalhar a partir do universo da criança, construindo meios para que eles/as possam vivenciar o espaço educativo como local de aprendizado e crescimento pessoal.

Os avanços foram ocorrendo de forma gradativa, no âmbito pedagógico eu precisei adaptar o livro didático para que ela acompanhasse os conteúdos sem nenhum prejuízo, e os resultados foram satisfatórios, no segundo semestre de 2022 ela já fazia conta de multiplicação no quadro sem ajuda. Com relação a leitura e escrita iniciei um programa de escrita de palavras e gradualmente foi para frases, na leitura iniciei com o pareamento de palavras e depois leitura de frases e após iniciar a leitura de frases eu orientei a professora para que isso fosse feito por ela diariamente.

É notório, no relato da AT, o avanço tido por Celeste dentro do processo de ensino e aprendizagem, bem como a potência de termos esse/a profissional auxiliando e contribuindo com o crescimento e os processos de socialização de uma criança com TEA que, dadas as suas singularidades, se relaciona com seu entorno de formas peculiares e diversas, as quais precisam ser entendidas e mediadas na perspectiva de potencializar os avanços e, assim, contribuir para o seu desenvolvimento. Para Nascimento, Silva e Dazzani (2015, p. 521), o “acompanhante trabalha em lugar do ‘entre’: entre a criança e as outras

crianças, ‘entre’ a criança e o professor, ‘entre’ a criança e a escola e, em alguns casos, ‘entre’ a criança e a família”.

Desse modo, o/a AT age como um/a mediador/a, um/a interlocutor/a que potencializa, para a criança com TEA, o investimento na construção de formas outras de aprender, não apenas no sentido restrito da sala de aula, mas sobretudo no sentido amplo, que contempla desde o cumprimento a um/a colega, como também o ato de circular no espaço público. Embora tenha sua atuação ainda confundida como um/a cuidador/a no âmbito educativo, sua atuação direciona-se à “ênfase em atividades pedagógicas, cognitivas, sociais e comportamentais, seguindo uma série de abordagens, possibilitando a aprendizagem ou a (re)aprendizagem, dependendo do sujeito” (CLEMENTINO; BRAGA; SILVA, 2022, p. 4).

Após realizar o acompanhamento com Celeste, a AT sinaliza avanços consideráveis e percebe as mudanças da paciente, tanto por sua intervenção/mediação quanto pelo trabalho desenvolvido no âmbito escolar. Por exemplo, ela cita:

Atualmente eu não precisei fazer adaptação do livro didático, pois a escola na qual ela estuda, hoje ela trabalha com livro semestral, antes era bimestral, e a Celeste tem acompanhado os conteúdos de forma satisfatória. Atualmente a Celeste cursa o 4º ano do ensino fundamental e tem surpreendido com seu avanço pedagógico.

Ter mais tempo para acompanhar o material de ensino, um semestre, tem permitido a Celeste se apropriar de forma mais satisfatória dos conteúdos ensinados em sala de aula, o que certamente colabora com a atuação da AT, que pode mediar os momentos que pareçam mais complexos, oportunizando, à paciente, a compreensão e o aprendizado do novo conhecimento. Nessa mesma direção, a pesquisa realizada por Almeida (2022) afirma a importância do/a AT no processo de inclusão educacional, de forma a mediar o desenvolvimento e fomentar outras possibilidades para as práticas do dia a dia.

Com relação aos comportamentos inadequados (crises) os mesmos tem diminuído, no ano passado fiz uma palestra na escola que a Celeste estuda intitulada: Autismo e Inclusão escolar, meu objetivo foi apresentar o conceito do autismo e discutir como conviver com

indivíduos autistas no ambiente escolar, o público alvo da palestra foram alunos, do 3ª ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, professores e funcionários da escola, a palestra ocorreu durante 3 dias.

É interessante observar que a atuação da atendente terapêutica visa não apenas o trabalho de forma direta com Celeste, mas também com seus pares, colegas e demais sujeitos/as que, no cotidiano, têm algum contato, direto ou indireto, com sua paciente. Desse modo, é preciso que eles/as saibam como lidar com um/a indivíduo/a com TEA. Ter essa sensibilidade pode tornar o processo de interação mais leve e prazeroso, fazendo da escola um local convidativo para sua paciente; um espaço que promove, em suas práticas, formas múltiplas de incluí-la no espaço escolar.

Dentro dessa conjuntura, sinaliza-se a importância do trabalho de forma colaborativa e participativa, de modo que todos/as os/as profissionais do âmbito educativo façam parte desse processo visando um fim em comum, qual seja, o crescimento e o desenvolvimento dos/as alunos/as. Os resultados são refletidos nas atitudes dos/as alunos/as que, por exemplo, durante o intervalo, vêm mostrando uma preocupação em não fazer barulho ou não fazer aglomeração na rampa que dá acesso ao primeiro andar. Existe, assim, uma compreensão maior por parte dos/as alunos/as em relação aos/às colegas autistas quando estão em crise após o processo de sensibilização e compreensão do/a outro/a.

É possível percebermos ainda outros avanços dentro da dinâmica educativa. Por exemplo, o fato de alguns/as professores/as terem procurado a AT em particular, pedindo sugestões de como avaliar o processo pedagógico de um/a indivíduo/a autista, ou buscando ajuda com o propósito de alcançar essa criança e fomentar um espaço de aprendizagem e desenvolvimento coerente com o qual a escola pretende. Nesta direção, Barbosa e Lira (2021, p. 105) defendem que “não podemos reduzir os estudantes autistas a um discurso pedagógico. Porém, [devemos] buscar alternativas para promover a inclusão nos espaços formais da escola”. E isso só é possível quando se põem em pauta todos os momentos, desde a entrada na escola até o processo final de avaliação.

Os avanços são visíveis em todos os âmbitos: o nível de compreensão evoluiu consideravelmente, de modo que Celeste já consegue realizar leitura de livros paradidáticos, fazer cálculos mentalmente e tem a iniciativa de conversar com alguns/as profissionais. Aos poucos, ela consegue se desenvolver dentro do espaço social, tornando-se mais independente nas atividades cotidianas, como, por exemplo, ir ao banheiro, tomar água sozinha, etc. Estes avanços só foram possíveis mediante o acompanhamento terapêutico e a mediação de ações que, em um primeiro momento, julgavam-se impossíveis de serem contornadas, mas que, em face de um processo efetivamente inclusivo, são possíveis de serem rompidas.

Ressaltamos ainda que não pretendemos erguer a bandeira na qual o/a AT é entendido como a panaceia para os entraves que perpassam o campo da inclusão. Nosso intuito é fomentar o debate e apresentar a importância de ofertarmos aos/às estudantes condições de acesso e permanência nas instituições escolares, estando nelas não apenas fisicamente, mas participando ativamente de todo o processo educativo, conquistando independência e autonomia para o viver em sociedade. Apenas um trabalho em rede pode trazer melhorias para esse efetivo acesso. Não apresentamos heróis ou fórmulas mágicas, mas objetivamos chamar atenção para a urgência de termos profissionais que, em trabalho conjunto com seus pares, possam ofertar um ensino de qualidade a todos/as os/as estudantes, para além de suas especificidades.

A ampliação das habilidades desenvolvidas pela AT é orientada pela analista e baseada nas intervenções ABA (Análise do Comportamento Aplicada). A partir do relato referente aos avanços e recuos, novas ações são pensadas e elaboradas, objetivando o pleno desenvolvimento da paciente. Nesse processo, a colaboração e a dedicação de todos/as os/as profissionais da instituição fizeram diferença para que houvesse um avanço. Trata-se de um trabalho em equipe no qual todos/as contribuíram/contribuem para o avanço da Celeste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos debruçarmos sobre a experiência de uma atendente terapêutica e seu atendimento a uma de suas pacientes, foi possível elucidar os avanços e a forma como a paciente vem conseguindo gradativamente se integrar ao espaço social, em um trabalho que tem sido possível graças à parceria entre os/as demais profissionais que compõem o espaço escolar no qual ela transita. O processo de conscientização e incentivo ao entendimento e respeito às diferenças, apreendido pela AT, vem mostrando resultados positivos frente às demandas postas por uma inclusão que pretende trazer o/a sujeito para participar de forma ativa do seu processo formativo.

Neste caso apresentado, observou-se como prioridade, no trabalho desenvolvido pela AT, a busca pela independência do/a sujeito/a e o seu desenvolvimento pedagógico - não sendo este um processo linear, apresentando uma série de desafios sociais e pedagógicos, os quais Celeste vem superando por meio de um atendimento mediado e acompanhado entre a AT e demais profissionais. O processo de inclusão educacional e social é um dever de todos/as inseridos/as na escola. E é através desta parceria que os avanços têm se mostrado possíveis.

Ressaltamos, desse modo, a importância do trabalho exercido pelo/a AT e a importância de estudos e pesquisas que fomentem e viabilizem a urgência de os/as termos atuando em nossas instituições escolares, contribuindo de forma mediada com o desenvolvimento de nossos/as estudantes. Afinal, desta forma, rompe-se com uma visão assistencialista ou da sala de aula como apenas um espaço no qual um/a estudante com necessidades educacionais especiais precise está inserido/a, mas sem ser partícipe dele.

Trazer o/a estudante para participar de forma ativa do seu processo de ensino e aprendizagem oportuniza que sua formação se torne significativa, incidindo não apenas no momento da sala de aula, mas também fora dos muros escolares. É relevante entendermos que os avanços sinalizados pela atendente terapêutica, no relato aqui registrado, não se efetivaram em poucos dias, como em um “passe de mágica”: foram momentos de idas e vindas, avanços e recuos,

que eram e ainda são um contínuo perpassado por pesquisa e reflexão sobre como proceder a partir das demandas que se apresentam.

Ao acompanhar Celeste, a AT teve, por vezes, que se reinventar e entender que sua paciente iria aprender, mas, como todas as demais crianças, em ritmo diferente. Logo, sua ação precisa ser bem articulada com a dinâmica da aula para que sua paciente possa ter a melhor interação possível com o espaço escolar e com seus/suas colegas. Dito de outro modo, suas ações se fundam na perspectiva de promover autonomia e reinserção social a Celeste. Em nosso entendimento, reside aí uma das maiores contribuições desse/a profissional.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória e pesquisa autobiográfica. *Revista História da Educação*. v. 7, n. 14, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>. Acesso em 19 mar. 2023.

ALMEIDA, Vanessa Cunha. *O acompanhante terapêutico no processo de inclusão educacional de alunos com autismo no Brasil*. 2022. 16 f. Monografia. (Graduação em Psicologia) - Universidade Católica do Salvador, 2022.

BARBOSA, Erika Aranha Fernandes; LIRA, Andrea de Lucena. Autismo: reflexões sobre pesquisas de ensino e aprendizagem. *Educação Inclusiva*. v. 6, n. 1, dez. 2021. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/605>. Acesso em 21 mar. 2023.

COSTA, Ana Paula Carvalho da. O acompanhamento terapêutico a crianças e adolescentes com problemas no desenvolvimento: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Psicoterapia*. v. 16, n. 1, p. 15-25, 2014. Disponível em: http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=139. Acesso em 09 mar. 2023.

CLEMENTINO, Valdenice Elaine dos Santos; BRAGA, Diana Sampaio; SILVA, Antonio Luiz da. A criança autista e o acompanhamento terapêutico escolar: relato de experiência. *Educação Inclusiva*. v. 7, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/447>. Acesso em 09 mar. 2023.

DALTO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013. Acesso em 30 mar. 2023.

MELLO, Juliana Tofaneli; BRUNI, Ana Rita. Intervenção do acompanhante terapêutico em pacientes com transtorno do espectro autista. *Encontro: revista de psicologia*. v. 15, n. 23, 2012. Disponível em: <https://revista.pgskroton.com/index.php/renc/article/view/2466>. Acesso em 21 mar. 2023.

NASCIMENTO, Verônica Gomes; SILVA, Alan Souza Pereira; DAZZANI, Maria Virgínia Machado. Acompanhamento terapêutico escolar e autismo: caminhos para a emergência. *Estilos da Clínica*. v. 20, n. 3. dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282015000300011. Acesso em 21 mar. 2023.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (auto)biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*. v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/1059>. Acesso em 20 mar. 2023.

OLIVEIRA, Valéria Marques de; SATRIANO, Cecilia Raquel. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*. v. 23, n. 51, p. 369-386, jun./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em 20 mar. 2023.

OLIVEIRA, Amoriara Milhomem Francisca de. *Acompanhamento terapêutico escolar no encontro da saúde com a educação*. 2023. 47f. Monografia. (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, 2023.

PARRA, Luciana Sime. *Atando laços e desatando nós: reflexões sobre a função do acompanhamento terapêutico na inclusão de crianças autistas*. 2009. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SILVA, Edneusa Lima; CRISTINA, Vandressa. Acompanhamento terapêutico e inclusão educacional: construindo pontes para o encontro entre o diferente e a diferença. *Revista Valore*. v. 3, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/58>. Acesso em 19 mar. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPICURS, 2006.

